

anti-eleitoral, sobretudo as perseguições e os roubos de que temos sido vítimas por parte dos políticos, constituirão, por si só, a melhor campanha pró-perseguidos, pois que levando tão revoltantes actos ao conhecimento do público, contribuirão para que este se levante, enérgico e decidido, a impôr justiça aos traficantes da política. Que aqueles que se interessam pelos perseguidos e os que desejam ver reabertas as associações encerradas, e indemnizadas as que foram roubadas, nos auxiliem e coadjuvem na nossa iniciativa.

Evidentemente não só os anarquistas tomarão parte nesta campanha; a nosso lado virão combater todos os que, sem se dizem anarquistas, repudiam a tática politico-eleitoral e defendem, como nós, a acção directa como método exclusivo de luta, quer no campo social quer no campo economico.

Agora quanto aos meios praticos de levar a efeito esta campanha pensamos em fazer o que segue:

1.º Elaborar, de comum accordo com os camaradas e grupos de todo o país um manifesto, muito claro e muito simples, que mostre aos trabalhadores porque não deviam votar, e qual o caminho que tinham a seguir para a conquista da sua emancipação politica e economica.

Deste manifesto fôr-se-ia uma larga tiragem (pensamos em 100.000 exemplares) afim de ser distribuido em todas as localidades do país. Não temos que pagar a composição, porque já varios camaradas tipografos se nos ofereceram para o compôr gratuitamente.

As restantes despesas seriam feitas por subscrições entre os camaradas que quizessem contribuir com uma quota voluntaria.

Como o manifesto não nos sairá a mais de rial o exemplar, um camarada que contribua com um tostão receberá, pelo menos, 100 manifestos para distribuir na sua localidade.

Além disto, o grupo *Brochura Social*, editou, especialmente para esta campanha, o belo folheto de Malatesta, *A Política Parlamentar no Movimento Socialista*, cujos claros argumentos contra a tática politico-eleitoral seria bom difundir largamente entre os trabalhadores, difusão esta perfeitamente justificada pelo seu modico preço de vintem o exemplar.

2.º Promover por toda a parte onde isso seja possível conferencias e comícios de propaganda anti-eleitoral em que tomarão parte, além dos camaradas locais, delegados enviados pela comissão de propaganda anti-eleitoral, sempre que lhes sejam requisitados, mediante, é claro, o pagamento das despesas de viagem.

Para fazer a contradita deverão ser convidados os candidatos a deputados pelo respectivo circulo, dando nós, assim, uma prova da nossa tolerancia e do nenhum receio que temos de que as nossas ideias sejam discutidas. Essas reuniões oferecerão tambem uma bela ocasião para se venderem folhetos e distribuirem manifestos.

3.º Irmos ás reuniões publicas promovidas pelos politicos para propaganda eleitoral contraditá-los, distribuir manifestos e vender folhetos.

Numa reunião de militantes antiparlamentares realisada ha poucos dias, em Lisboa, foram aprovadas estas três propostas e indicada uma comissão composta pelos camaradas Alvaro Abreu, Joaquim Carreira e Zacarias de Oliveira, para se pôr em relação com os camaradas e grupos da provincia, receber documentos que interessassem á propaganda anti-eleitoral e distribuir os propagandistas inscritos conforme os pedidos.

Varios camaradas se inscreveram então em Juas listas: uma para as sessões de propaganda, outra para as sessões contraditórias.

Os camaradas que tenham em seu poder documentos que interessassem á campanha anti-

eleitoral, ou os que quizerem contribuir para a edição do manifesto, ou ainda aqueles que se quizerem inscrever para as sessões de propaganda ou que necessitarem de qualquer informação a este respeito, podem dirigir-se a qualquer daqueles camaradas que estão presentes, ou escrever para Alvaro Abreu, Rua Arco da Graça, 4-2.º Lisboa.

A guerra

A matança guerreira, sendo necessariamente a expressão duma mentalidade selvagem, só dentro de limites bastante estreitos pode evoluir. Todavia, transformase como tudo que dura: tem as suas fases.

Na primeira, reveste um carácter horrível, desconhecido mesmo dos mais ferozes animais, que ordinariamente não caçam os seres da sua espécie para os devorar.

Fazer dos seus semelhantes uma caça é um monstruoso excesso de que quase só o homem se torna culpado... Chamando animal a esta fase da guerra, injuriei os irracionais.

Na segunda fase evolutiva da guerra, já não se come o inimigo vencido, mas nutre-se contra elle um ódio atroz; matá-lo não basta; experimenta-se uma certa volúpia em o mutilar, torturar, o que é menos grosseiro mas certamente mais cruel que matá-lo simplesmente para o comer: é a guerra selvagem. Isoladamente, aqui e ali, vê-se reaparecer isso na chamada guerra civilizada.

As palavras «guerra e civilização» contradizem-se absolutamente. A guerra que se diz civilizada, a nossa, difere da selvagem muito menos no fundo que na fórma. Teem-se inventado, com grandes despesas e esforços, processos engenhosos para matar e mutilar o adversário a grandes distancias; mas repugnar-nos-ia torturá-lo de perto, lentamente, como gulosos do homicídio, á maneira dos Peles-Vermelhas. Sem a menor hesitação, exterminam-se milhares de homens com os mais terríveis meios; mas só a ideia de os comer nos indigna, nos desgosta, e todavia como disse Montaigne: «Há mais barbaria em matar um homem vivo, do que em assá-lo e comê-lo depois de morto». Essas repugnancias não são logicas; indicam entre tanto que um sentimento de humanidade, confuso e vago ainda, despertou na consciencia dos povos.

Mas a sangrenta loucura da guerra continua ainda a embriagar o género humano quase inteiro. Um só grande Estado, a China, estima pouco a guerra; uma só religião, o bramanismo, procurou atenuar-lhe os horrores. A Europa cristã e pseudo-civilizada não chegou ainda a esse ponto. — A guerra é a grande preocupação dos governos; é a grande paixão dos povos e, apesar do pretendido antagonismo descoberto por H. Spencer entre a industria e a guerra, nunca as carnificinas guerreiras foram mais terríveis que desde o abrir do período industrial. Roma guardava o seu vasto império com cerca de 300.000 legionários; a Europa moderna organizou para a guerra uma população de doze a catorze milhões de homens e a acção regressiva da selecção militar exercese nela em grande escala.

Sem hesitação, a religião chamada de paz e amor santifica essas carnificinas. Os potentados falam-nos correntemente do «Deus dos exercitos», que não difere essencialmente do Marte mexicano, Huitzilopotchli, ao qual só se ofereciam incessantemente corações humanos palpitanes, e, depois de uma vitória em que milhares de moços foram cruel e estupidamente trucidados, o incenso fuma, os «te deum» ecoam sob a abóbada das catedrais. — Uma infima minoria protesta contra esse abominável estado de coisas e as pessoas ajaizadas consideram-na muito pouco sensata. Dizem-nos que a guerra é uma escola de dedicação; seria bem fácil achá-las melhores, onde se não ceifasse a flor da humanidade.

CH. LETOURNEAU.

A revolução mexicana

O movimento mexicano interressou-nos desde o seu início, mas nunca pudemos ter sobre ele noticias seguras.

Como não conhecemos camaradas residentes no México, era dos Estados Unidos, mais vizinhos daquele país, que podiamos esperar informações autênticas. E chegaram-nos com efeito informações, mas completamente contraditórias, provenientes de camaradas a quem devemos, por tudo o que deles sabemos, amizade e estima iguais.

Uns diziam que o movimento era simplesmente um dos costumeiros movimentos politicos da América latina, nos quais aventureiros sem escrúpulos disputam entre si o comando e o tesouro do país; — e que as revoltas agrárias e os bandos insurreccionais eram o explodir do ódio popular contra os proprietários que ainda recentemente tinham usurpado as terras comunais e reduzido os camponeses á mais abjecta miséria, mas não eram iluminadas por uma ideia e estavam por isso destinadas a esgotar-se em actos de estéril banditismo.

Outros diziam redondamente que começara a revolução comunista-anarquista, e que do México irradiaria em breve para todo o globo terráqueo.

Provavelmente havia exagero de ambos os lados. Mas que conclusão podiamos nós tirar?

Um nosso velho amigo pessoal, que é tambem um camarada que na República Argentina prestou á nossa causa os maiores serviços, (1) escreveu-nos para que tornássemos aquele movimento conhecido entre os camaradas da Europa. Mostrava-se possuido do maior entusiasmo, mas referia-nos ao mesmo tempo que atravessara o México em toda a sua extensão sem ter podido encontrar um único revolucionário! O nosso amigo já ultrapassou há muito os 70, não podendo por isso preparar pelos montes, e portanto o movimento nos campos podia muito bem existir sem que ele conseguisse pôr-se em contacto com os insurrectos; mas é compreensível que a confissão final esfriasse um pouco o efeito que podia ter feito a carta.

A discordância entre os camaradas dos Estados Unidos ter-se-ia sanado com o tempo e a esta hora já teríamos chegado a saber a verdade verdadeira, se se tivesse procedido com calma e espírito objectivo á colheita e exame dos factos. Começaram, porém, logo as injurias, resultando daí um escândalo vergonhoso, no qual camaradas estimados e estimáveis chegaram a suspeitar uns nos outros sórdidos motivos.

Desde então, deixou de ser possível acreditar em qualquer deles.

A única e exclusiva fonte das informações publicadas nos jornais anarquistas sobre o movimento mexicano é o semanário *La Regeneración* que vê a luz nos Estados Unidos, em Los Angeles, California (enderço: 503 N Figueroa Street), redigido em espanhol e inglês.

É um jornal perfeitamente comunista e anarquista, com óptimos e numerosos artigos de propaganda. Mas representa o pensamento dos redactores ou o dos insurrectos mexicanos? Eis a questão.

Nele se publicam proclamações, manifestos, discursos, que teriam sido feitos pelas pessoas mais em vista do movimento; mas o seu estilo é demasiadamente comunista e anarquista, é demasiadamente o estilo dos nossos jornais, para que se possa acreditar serem obra de camponeses mexicanos.

Narram-se infinitos episódios de expropriações, invasões de terras, vindictas, etc., mas terão elles alcance duradouro e de ordem geral? O facto de durar esta situação há já anos sem parecer encaminhar-se para uma solução leva a duvidar disso.

E entretanto observamos que os títulos mexicanos, as acções mineiras, etc., acham na Bolsa de Londres cotações elevadas: o que

(1) Malatesta refere-se ao nosso valente e activissimo camarada inglês João Creaghe, um dos que mais contribuíram na Argentina para a difusão do anarquismo, a cuja propaganda dedicou as suas economias e a maior parte dos seus honorários de médico.

faz supôr que os capitalistas, senhores de meios seguros e rápidos de informação, não vêem motivo para temer para breve a revolução social no México.

Talvez estas notas nos venham a ser censuradas por aqueles camaradas que julgam útil á propaganda engrandecer os factos e fazer com que pareçam favoráveis a nós. Cremos, porém, que em geral a melhor politica é a da verdade. Procedendo de outra maneira, poderia succeder-nos como ao pastor da fábula, o qual, por ter chamado várias vezes por socorro contra um lobo imaginário, não foi depois acreditado quando o lobo veio deveras. E talvez este perigo que se tenha já verificado no caso do movimento mexicano: foi talvez o facto bem conhecido de muitos camaradas costumarem exagerar, no intuito de propaganda, o que tornou scepticos tantos dos nossos.

ERRICO MALATESTA

REBENDO

Entre as diversas facções da lusa politiquice medra uma tal verrinice por causa das eleições que estou em acreditar haver breve, sem tardar, sopapos aos quartelões.

Eu não sei, caros amigos, onde irá isto parar se continua a reinar essa praga de formigos... Certamente a «basta-Zê» acorda, e se houver banzá applica-lhe uns fustigos...

E já tarda um bom landreiro nos lombos desses marmanjos cuja vida é só de arranjos tecidos no formigueiro... — Querem comer bem e á farta? Vão para o raio que os parta ou gramam o marmeleiro!

Amilco.

CONFERENCIA ANARQUISTA DA REGIÃO DO SUL

Reunida em Lisboa em 27-28 de Junho

3.ª e última sessão

A última sessão abre-se no domingo, 28, ás 20 horas.

Sobral de Campos volta a occupar-se de Pinto Quartim, propondo que lhe seja enviada uma mensagem, assinada pelos congressistas, comunicando-lhe que o seu caso não está esquecido e vai ser agitado com novo rigor. (Dias depois era revogado o decreto de expulsão).

Quintanilha lê uma comunicação sobre a campanha anti-parlamentar e uma circular que a tal propósito foi enviada a vários camaradas da provincia. Bernardino dos Santos occupa-se do mesmo assunto.

Joaquim Nogueira fala largamente sobre o alcoolismo e o jogo, secundando na mesma ordem de ideias por Manuel Abreu e Fernando Gomes, o qual se occupa tambem da acção da mulher na propaganda.

Adolfo Augusto Nunes, pelo Núcleo da Juventude Libertária, apresenta um breve trabalho sobre «Os anarquistas e a Língua Esperanto», concluindo por pôr: a) que o Esperanto seja usado, não como lingua única, com carácter obrigatório, mas como lingua auxiliar, tanto no congresso anarquista de Londres, como nos futuros congressos operários; b) que, dada a criação duma comissão internacional de correspondência, seja o Esperanto uma das línguas adoptadas.

Depois de o camarada Bernardino dos Santos lembrar as listas de subscrição pró Congresso, entra-se na ordem dos trabalhos.

A organização anarquista

Em nome do grupo *Rebeldes*, lê Bernardino dos Santos a tese que os leitores da *Aurora* já conhecem (ver o n.º 203). Em seguida, defende-a, dizendo que a federação proposta já funcionou, tendo desaparecido apenas por falta de coesão e actividade da

parte dos delegados. Pouco importante, diz o camarada Santos, seja aprovada esta ou outra proposta: o que é preciso é que da Conferência saiam as bases duma organização.

Trava-se um vivo mas sereno debate, no qual tomam parte Larriba, Zacarias, J. Carreira, Rorib, Viana, Estêvão Tavares, Quintanilha, M. Carreira, Francisco Viana, Manuel de Azevedo, Vilegas, Manuel de Abreu, Alberto Neves, Flávio Freire, Caetano de Souza, Diamantino Magalhães, Bernardino dos Santos, etc. Em todos ha a maior tolerancia e o maior desejo de accordo. Azevedo e Abreu, pelo grupo *Novo Mundo*, Manuel Carreira, pelo grupo *Agitador*, e outros apresentam novas propostas e moções. Por fim é aceita a proposta de Rosendo Viana, que simplifica muito a organização e não dá á comissão federal nenhuma espécie de attribuições deliberativas em nome da Federação. As funções de comissão de correspondência serão por um grupo federado — e por proposta de Quintanilha todos os grupos se revezarão, a prazo curto, nessa tarefa, afim de se evitarem os inconvenientes da centralização de correspondência e endereços. Fica incumbido de começar o grupo *Luz do Porvir*, representado na Conferência pelo camarada R. Viana.

Antes de se encerrar a Conferência, o camarada Bernardino dos Santos apresenta uma moção protestando contra o procedimento dos dirigentes da Caixa Económica Operária; esta moção já foi publicada no nosso n.º 207. Quase ao findar o debate sobre a ordem da noite, tinha Diamantino Ferreira de Magalhães apresentado a moção que inserimos no n.º 206, mostrando os sentimentos de repulsa dos anarquistas por qualquer tentativa contra revolucionária. Por fim, Alberto das Neves, tesoureiro da Comissão organizadora, apresenta contas.

E a Conferência encerra-se no meio do maior entusiasmo, cantando-se o hino revolucionário «Filho do Povo» a plenos pulmões.

Na Conferência não havia um só individualista ou adversário da organização, como se viu pelos trabalhos unanimemente aprovados nas três sessões e como resulta do próprio facto de serem operários sindicados quase todos os congressistas. O que havia era algumas divergências sobre as modalidades e os métodos de organização entre anarquistas.

Lembro aos grupos e demais camaradas que tenham em seu poder listas para a subscrição aberta para as despesas a fazer com os delegados que hão-de ir a Londres representar os anarquistas portugueses no Congresso Internacional, a conveniencia, para bom andamento dos trabalhos da comissão nomeada na conferencia, da entrega imediata dos donativos já recebidos ou simplesmente das listas já preenchidas.

Até agora recebeu a referida comissão as seguintes quantias:

Estêvão Tavares (139-152)	3521
Valdez (113)	545
Manuel de Azevedo (123-125-127)	1515
José P. Fernandes (132)	2503
A. Roquette (142)	554
Albano Ribeiro (129)	528
Alberto J. Neves (2)	2585
Antonio da Silva (31)	586
Grupo Sol Universal (3)	1500
União das Mulheres Anarquistas (4)	1520
Liga dos Amigos do Povo (6)	1547
Grupo Comunista Libertario d'Ode-mira (15)	7564
Antonio Gonçalves (45)	1554
Valdez (114)	584
Grupo Avante (8)	2510
Julio Dias Duarte (131)	543
Manoel Martins de Carvalho (158)	1530
Soma	28779

(Sacavem)

Alberto Julio das Neves.

Sim, to-la e qualquer sociedade humana precisa de leis, mas os homens livres só a si próprios pedem essas leis: cada consciencia decide soberana de si mesma. Quanto aos fracos, aos ignorantes, aos desesperados, que se dirijam contudo a Deus ou ao patrão: Humilhes rebanhos de ovelhas, que se deixem guiar pelo aguilhão que os conduz ao matadouro.

Estêvão RECLUS.